

NEGÓCIOS E INVESTIMENTOS

associação entre a Vale do Rio Doce e um grupo japonês, com sede em Belo Horizonte, que desenvolve um projeto de duplicação da produção de celulose de fibra curta branqueada, superior a US\$ 500 milhões. A Klabin movimenta um investimento de US\$ 500 milhões entre 1986 e 1991, mas não pensa, no momento, em recorrer à conversão. O BNDES aguarda ainda programas de investimentos de US\$ 770 milhões, em estudos pela Copener, que contaria com US\$ 460 milhões em financiamento oficial e cerca de US\$ 100 milhões de bancos externos, e do Grupo Batistela; de instalação de fábrica para produzir papel cartão, também com dinheiro da conversão.

De acordo com estimativas feitas por Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC, as exportações de papel e celulose poderão crescer ao ritmo de 3% a 4% ao ano, "caso haja excedente exportável. As perspectivas em relação aos preços também são favoráveis no mercado internacional. Os nossos produtos são competitivos em custo e qualidade. O mercado externo, além disso, é comprador, com preços firmes e remuneradores". Mas Cherkassky faz uma advertência: sem investimentos, o País corre o risco de perder sua posição de exportador até o final da década. Este ano, o setor deverá operar no limite máximo de sua capacidade de produção. De fato: a produção nacional de papel de 4,7 milhões de toneladas em 1987 cresceu apenas 4,1%, o que é muito pouco em relação à taxa média anual de 8,2%, entre 1976 e 1986. A situação é mais grave no caso da celulose, com uma produção nacional de 3,5 milhões de toneladas e um crescimento de 1% sobre o ano anterior, em comparação com a taxa média de 11,1% anuais nos últimos dez anos.

Francisco Grós acredita que a hipótese de os credores procurarem compensar o deságio por meio de operações de subfaturamento das exportações, conforme imaginam alguns técnicos, não é factível: "Não vejo a mínima possibilidade de que isto ocorra." Nos casos em que a operação tiver de passar pelo leilão do BC, quanto maior for o deságio, menor será o preço que os credores estarão dispostos a pagar na compra de ativos brasileiros.

O bom desempenho das ações das

companhias abertas de papel e celulose nos pregões das Bolsas de Valores é um outro atrativo para o capital de risco externo. Mesmo em período de vacas magras para as Bolsas, a exemplo do ano passado, quando o índice Bovespa, só subiu 34,87%, os papéis da Suzano tiveram uma variação positiva de 299,1%, os da Klabin, 292,9% e os da Ripasa 468,5%. A atual fase de alta do mercado de ações incorpora os movimentos especulativos que antecedem a entrada de novos recursos externos. Há uma crença em altas futuras ainda maiores, a partir da esperada melhoria da liquidez.

Como o Banco Central ainda não estabeleceu as regras para os leilões em Bolsa, persistem dúvidas sobre o



Grós: a Aracruz puxando a fila

funcionamento das licitações. O leilão irá estabelecer o volume de recursos a ser convertido, levando em conta o deságio que será apropriado pelo BC. Mas, antes mesmo do leilão, é possível o acerto prévio do deságio entre o agente conversor e a empresa, a ser posteriormente confirmado pelo leilão. Se os resultados forem diferentes, estabelece-se nova negociação em que o credor procurará embutir o desconto na definição do valor da ação da empresa que receber a injeção de capital. As companhias abertas que obtêm recursos são obrigadas a aumentar o capital. E o controlador da companhia poderá optar pela cessão dos direitos de preferência ao banco com quem já negociou previamente subscrição das novas ações.

Investimentos

Até o sol raiar

Depois do Carnaval, há boas chances de que os indicadores da economia e os diversos segmentos do mercado financeiro passem a emitir sinais importantes para o investidor, hoje às voltas com um equilíbrio instável nas cotações das Bolsas de Valores, dos juros, do ouro e do dólar paralelo.

O primeiro deles despertará na próxima segunda-feira, dia 12, data de vencimento dos contratos negociados nos mercados de opções das Bolsas de Valores de São Paulo e Rio de Janeiro. Até lá haverá o costumeiro tiroteio entre os grandes especuladores que estão com posições compradas e vendidas nesses dois mercados. "Se houver uma rolagem das posições, poderemos ter mais dois meses tranquilos no mercado", diz Estevam Almeida Prado, colaborador da revista *Senhor* e sócio-gerente da Mellinger Almeida Prado - Consultores Associados. Mas, se os detentores de posições vendidas ganharem o páreo, haverá uma pressão de baixa sobre o mercado, adverte José Roberto Mendonça de Barros, também colaborador da *Senhor* e diretor da MBE - Consultores Associados.

Até quarta-feira, dia 10, as Bolsas continuavam em estado de euforia. Naquele dia, o índice Bovespa encerrou o pregão nos 23.614 pontos, acumulando uma alta de 89% durante o ano e de 24% apenas nos primeiros dez dias de fevereiro.

Para alguns analistas, essa tendência de alta ainda não se esgotou e pode ser retomada a partir do dia 22. É o caso de José Carlos Batelli Correa, diretor da Corretora Magliano, para quem o motor dessa alta continua sendo o ingresso de recursos externos no mercado de ações, especialmente aqueles decorrentes da conversão da dívida externa.

Mendonça de Barros também aposta nessa tendência de alta, a partir da convicção de que as Bolsas de Valores passaram para um novo patamar de preços e de que a perspectiva de ingresso dos recursos da conversão, aliada às compras que já estão sendo feitas pelos fundos de capital estrangeiro, dão consistência a esse